

LIÇÃO 22 - Os Significados de Gênero, de Falso e de Acidente

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 28-30: 10-24a 29-1025a 34

“ 524. O termo gênero (ou raça) é usado se há uma geração contínua de coisas que têm a mesma espécie; por exemplo, "enquanto durar o gênero humano" significa "enquanto houver geração contínua de homens". E o termo também designa aquilo a partir do qual as coisas são primeiramente trazidas à existência. Pois é desta forma que alguns homens são chamados Helenos por raça e outros Jônios, porque os primeiros vêm de Heleno e os últimos de Íon como os que os geraram. Novamente, o termo é aplicado aos membros do gênero mais a partir do genitor do que a partir do princípio material. Pois alguns também são ditos derivar sua raça da fêmea, como aqueles que vêm de Pleia. Além disso, o termo é usado no sentido de que o plano é chamado de gênero das figuras planas, e o sólido o gênero das figuras sólidas. Pois cada uma das figuras é ou um plano de tal e tal tipo ou um sólido de tal e tal tipo; e este é o sujeito subjacente às diferenças. Novamente, gênero significa o elemento primário presente nas definições, que é predicado quidditativamente da coisa cujas diferenças são chamadas qualidades. O termo gênero, então, é usado em todos estes sentidos: em um como a geração contínua de uma espécie; em outro como o motor primário da mesma espécie; e em outro como matéria. Pois aquilo a que pertence a diferença ou qualidade é o sujeito que chamamos matéria.

525. São ditas diversas (ou outras) em espécie aquelas coisas cujo primeiro sujeito é diverso e não pode ser resolvido uma na outra ou ambas na mesma coisa. Por exemplo, forma e matéria são diversas em gênero. E todas as coisas que são predicadas de acordo com uma figura categórica diferente do ser são diversas em gênero. Pois algumas significam a quiddidade dos seres, outras qualidade, e outras algo mais, no sentido de nossas distinções anteriores. Pois elas não são analisadas umas nas outras ou em alguma coisa una.

526. Falso significa, em um sentido, o que é falso como uma coisa, e isso ou porque não está combinado ou é incapaz de ser combinado. Por exemplo, a afirmação de que a diagonal é comensurável ou de que você está sentado pertencem a esta classe; pois a primeira é sempre falsa e a última é às vezes assim; pois é nestes sentidos que estas coisas são não-seres. Mas há coisas que existem e são por natureza aptas a aparecer ou diferentes do que são ou como coisas que não existem, como uma sombra projetada e os sonhos. Pois estas, de fato, são algo, mas não aquilo de que causam uma imagem em nós. Portanto, as coisas são ditas falsas ou porque não existem ou porque a imagem derivada delas não é de algo real.

527. Uma noção falsa na medida em que é falsa é a noção de algo não-existente. Por isso, toda noção é falsa quando aplicada a algo outro que não aquilo de que é verdadeira; por exemplo, a noção de um círculo é falsa quando aplicada a um triângulo. Ora, de cada coisa há, em um sentido, uma noção, que é sua essência; mas também há, em um sentido, muitas, já que a própria coisa e a coisa com uma modificação são, em um sentido, as mesmas, como Sócrates e Sócrates músico. Mas uma noção falsa é, absolutamente falando, a noção de nada. E é por esta razão que Antístenes sustentou uma opinião tola quando pensou que nada poderia ser expresso exceto por sua noção própria — um termo sempre para uma coisa. Disso se seguiria que não pode haver contradição e quase nenhum erro. É possível, no entanto, expressar cada coisa não apenas por sua própria noção, mas também por aquela que pertence a algo outro, não apenas falsamente, mas também verdadeiramente, como oito pode ser dito ser o dobro através da noção de dois. Estas são as maneiras, então, pelas quais as coisas são ditas falsas.

528. Um homem falso é aquele que escolhe tais pensamentos não por qualquer outra razão, mas por si mesmos; e aquele que é a causa de tais pensamentos em outros; assim como dizemos que aquelas coisas são falsas que produzem uma imagem ou impressão falsa.

529. Por isso, o discurso no *Hípias*, que diz que o mesmo homem é verdadeiro e falso, é refutado; pois assume que aquele homem é falso que é capaz de enganar, ainda que seja conhecedor e prudente.

530. E além disso, supõe que aquele que é capaz de querer coisas más é melhor. E chega-se a essa falsa opinião por indução. Pois quem manca voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente; e por mancar entendemos imitar uma manqueira. Porque se um homem mancasse voluntariamente, ele seria pior nesse aspecto, assim como aconteceria no caso do caráter moral.

531. Um acidente é o que se atribui a algo e que é verdadeiro afirmar que assim é, embora não necessariamente nem na maioria das vezes; por exemplo, se alguém descobre um tesouro ao cavar um buraco para plantar, a descoberta do tesouro é um acidente para quem cava. Pois uma coisa não decorre necessariamente da outra nem a sucede, nem acontece na maioria das vezes que alguém encontre um tesouro ao cavar um buraco para plantar uma muda. E um músico pode ser branco; mas como isso não acontece necessariamente nem na maioria das vezes, dizemos que é accidental. Mas, como algo pertence a algo, e algumas coisas pertencem a algum lugar e em algum tempo, então o que se atribui a um sujeito, mas não porque é agora ou aqui, será accidental. Tampouco o acidente tem uma causa determinada, mas apenas uma causa contingente ou casual, ou seja, indeterminada. Pois foi por acidente que alguém veio a Egina; e se ele não veio para lá com o intuito de chegar, mas porque foi levado até lá por uma tempestade ou foi capturado por piratas, o evento ocorreu e é um acidente; contudo, não por si mesmo, mas por causa de outra coisa. Pois a tempestade é a causa de sua vinda ao lugar para o qual não estava navegando, e esse lugar era Egina. E, em outro sentido, acidente significa tudo o que pertence a cada coisa por si mesma, mas não em sua substância; por exemplo, é um acidente de um triângulo ter seus ângulos iguais a dois retos. E esses mesmos acidentes podem ser eternos, mas nenhum dos outros pode ser. Mas uma explicação sobre isso foi dada em outra obra.

COMENTÁRIO

Gênero

1119. Aqui ele apresenta suas opiniões sobre um tipo particular de todo, a saber, o gênero. Primeiro, ele expõe os diferentes sentidos em que o termo gênero é usado; e, em segundo lugar (1124), trata dos diferentes sentidos em que se diz que as coisas são diversas (ou outras) em gênero ("Diz-se que as coisas são"). Assim, ele diz, primeiro, que o termo gênero é usado em quatro sentidos:

Em primeiro lugar, significa a geração contínua de coisas que têm a mesma espécie; por exemplo, diz-se: "enquanto existir 'o gênero do homem'", i.e., "enquanto durar a geração contínua dos homens". Este é o primeiro sentido de gênero dado em Porfírio, i.e., uma multidão de coisas que têm uma relação entre si e com um único princípio.

1120. Em um segundo sentido, gênero (raça) significa aquilo a partir do qual "as coisas são primeiramente trazidas à existência", i.e., algumas coisas procedem de um gerador. Por exemplo, alguns homens são chamados de helenos por raça porque são descendentes de um homem chamado Hélio; e alguns são chamados de jônios por raça porque são descendentes de um certo Íon como seu primeiro gerador. Ora, as pessoas são mais comumente nomeadas a partir de seu pai, que é seu gerador, do que a partir de sua mãe, que produz a matéria da geração, embora alguns derivem o nome de sua raça da mãe; por exemplo, alguns são nomeados a partir de uma

certa mulher chamada Pleia. Este é o segundo sentido de gênero dado em Porfírio.

1121. O termo gênero é usado em um terceiro sentido quando a superfície ou o plano é chamado de gênero das figuras planas, "e o sólido", ou corpo, é chamado de gênero das figuras sólidas, ou corpos. Esse sentido de gênero não é aquele que significa a essência de uma espécie, como animal é o gênero de homem, mas aquele que é o sujeito próprio na espécie de diferentes acidentes. Pois a superfície é o sujeito de todas as figuras planas. E isso tem alguma semelhança com um gênero, porque o sujeito próprio é dado na definição de um acidente assim como um gênero é dado na definição de uma espécie. Daí o sujeito próprio de um acidente ser predicado como um gênero. "Pois cada uma das figuras", i.e., figuras planas, é tal e tal superfície. "E isto", i.e., uma figura sólida, é tal e tal sólido, como se a figura fosse uma diferença qualificando a superfície ou o sólido. Pois a superfície está relacionada às figuras planas (de superfície), e o sólido às figuras sólidas, como um gênero, que é o sujeito dos contrários; e a diferença é predicada no sentido de qualidade. E por essa razão, assim como quando dizemos animal racional, significa-se tal e tal animal, também quando dizemos superfície quadrada, significa-se tal e tal superfície.

1122. Em um quarto sentido, gênero significa o elemento primário dado em uma definição, que é predicado quiditativamente, e as diferenças são suas qualidades. Por exemplo, na definição de homem, animal é dado primeiro e, em seguida, bípede ou racional, que é uma certa qualidade substancial do homem.

1123. É evidente, então, que o termo gênero é usado em tantos sentidos diferentes: (1) em um sentido como a geração contínua da mesma espécie, e isso pertence ao primeiro sentido; (2) em outro como o primeiro princípio motor, e isso pertence ao segundo sentido; (3 e 4) e em outro como matéria, e isso pertence ao terceiro e ao quarto sentidos. Pois um gênero está relacionado a uma diferença da mesma forma que um sujeito está relacionado a uma qualidade. Assim, é evidente que o gênero como predicável e o gênero como sujeito estão incluídos de certo modo sob um mesmo significado, e que cada um tem o caráter de matéria. Pois, embora o gênero como predicável não seja matéria, ainda assim é tomado da matéria, assim como a diferença é tomada da forma. Pois uma coisa é chamada de animal porque tem uma natureza sensitiva; e é chamada de racional porque tem uma natureza racional, que está relacionada à natureza sensitiva como a forma está para a matéria.

1124. **Diz-se que as coisas são** (525). Aqui ele explica os diferentes sentidos em que se diz que as coisas são *diversas* (ou outras) em gênero; e ele dá dois sentidos disso correspondentes aos dois últimos sentidos de gênero. Pois os dois primeiros sentidos são de pouca importância para o estudo da filosofia.

No primeiro sentido, então, algumas coisas são ditas diversas em gênero porque seu primeiro sujeito é diverso; por exemplo, o primeiro sujeito da cor é a superfície, e o primeiro sujeito dos sabores é algo úmido. Logo, com relação ao seu sujeito-gênero, sabor e cor são diversos em gênero.

1125. Além disso, os dois diferentes sujeitos devem ser tais que um deles não seja redutível ao outro. Ora, um sólido é de certo modo redutível a superfícies e, portanto, figuras sólidas e figuras planas não pertencem a gêneros diversos. Novamente, eles não devem ser redutíveis à mesma

coisa. Por exemplo, forma e matéria são diversas em gênero se são consideradas de acordo com sua própria essência, porque não há nada comum a ambas. E de maneira similar, os corpos celestes e os corpos inferiores são diversos em gênero na medida em que não têm uma matéria comum.

1126. Em outro sentido, dizem-se diversas em gênero aquelas coisas que são predicadas "segundo uma figura diferente da categoria do ser", i.e., da predicação do ser. Pois algumas coisas significam a quiddidade, algumas a qualidade, e algumas significam de outras maneiras, que são dadas na divisão feita acima onde ele tratou do ser (889-94). Pois estas categorias não são redutíveis umas às outras, porque uma não está incluída sob a outra. Nem são redutíveis a algo uno, porque não há um gênero comum a todas as categorias.

1127. Ora, é claro, a partir do que foi dito, que algumas coisas estão contidas sob uma categoria e estão em um único gênero neste segundo sentido, embora sejam diversas em gênero no primeiro sentido. Exemplos disso são os corpos celestes e os corpos elementares, e as cores e os sabores. O primeiro modo pelo qual as coisas são diversas em gênero é considerado mais pelo cientista natural e também pelo filósofo, porque é mais real. Mas o segundo modo pelo qual as coisas são diversas em gênero é considerado pelo lógico, porque é conceitual.

Falso

1128. "**Falso**" **significa** (526).

Aqui ele dá os vários sentidos dos termos que significam uma falta de ser ou um ser incompleto. Primeiro, ele dá os sentidos em que o termo falso é usado. Segundo (1139), ele trata dos vários sentidos de acidente.

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, mostra como o termo falso é usado das coisas reais; e segundo (1130), como é usado das definições ("Uma noção falsa"); e terceiro (1135), como os homens são ditos falsos ("Um homem falso").

Ele diz, portanto, primeiro, que o termo *falso* é aplicado em um sentido às coisas reais na medida em que uma enunciação que significa uma realidade não é composta adequadamente. E há duas maneiras pelas quais isso pode ocorrer:

De uma maneira, formando uma proposição que não deveria ser formada; e isso é o que acontece, por exemplo, no caso de proposições contingentes falsas. De outra maneira, formando uma proposição sobre algo impossível; e isso é o que acontece no caso de proposições impossíveis falsas. Pois se dissermos que a diagonal de um quadrado é comensurável com um de seus lados, é uma proposição impossível falsa; pois é impossível combinar "comensurável" e "diagonal". E se alguém disser que você está sentado enquanto está de pé, é uma proposição contingente falsa; pois o predicado não se atribui ao sujeito, embora não seja impossível que o faça. Portanto, uma destas — a impossível — é sempre falsa; mas a outra — a contingente — não é sempre assim. Portanto, aquelas coisas são ditas falsas que são não-entes em sua totalidade; pois uma enunciação é dita falsa quando o que é significado pela enunciação é inexistente.

1129. O termo falso é aplicado às coisas reais de uma segunda maneira na medida em que algumas coisas, embora sejam entes em si mesmas, são por natureza aptas a parecer ou ser outras do que são, ou como coisas que não existem, como "uma sombra", i.e., uma delineação em sombra. Pois às vezes as sombras parecem ser as coisas das quais são as sombras, como a sombra de um homem parece ser um homem. O mesmo se aplica aos sonhos, que parecem ser coisas reais, embora sejam apenas as semelhanças das coisas. E fala-se da mesma maneira de ouro falso, porque ele se assemelha ao ouro verdadeiro. Ora, este sentido difere do primeiro, porque no primeiro sentido as coisas eram ditas falsas porque não existiam, mas aqui as coisas são ditas falsas porque, embora sejam algo em si mesmas, não são as coisas "das quais causam uma imagem", i.e., às quais se assemelham.

É claro, então, que as coisas são ditas falsas (1) ou porque não existem, ou (2) porque surge delas a aparência do que não existe.

1130. Uma noção "falsa" (527).

Ele indica como o termo falso se aplica às definições. Ele diz que "uma noção", i.e., uma definição, na medida em que é falsa, é a noção de algo inexistente. Ora, ele diz "na medida em que é falsa" porque uma definição é dita falsa de duas maneiras:

Ou é uma definição falsa em si mesma, e então não é a definição de nada, mas diz respeito inteiramente ao inexistente; ou é uma definição verdadeira em si mesma, mas falsa na medida em que é atribuída a algo outro que não o propriamente definido; e então é dita falsa na medida em que não se aplica à coisa definida.

1131. É claro, então, que toda definição que é uma definição verdadeira de uma coisa é uma definição falsa de outra coisa; por exemplo, a definição que é verdadeira de um círculo é falsa quando aplicada a um triângulo. Ora, para uma coisa há, em um sentido, apenas uma definição que significa sua quiddidade; e em outro sentido há muitas definições para uma coisa. Pois em um sentido, o sujeito tomado em si mesmo e "a coisa com uma modificação", i.e., tomada em conjunção com uma modificação, são o mesmo, como Sócrates e Sócrates músico. Mas em outro sentido, não são, pois é a mesma coisa acidentalmente, mas não em si mesma. E é claro que eles têm definições diferentes. Pois a definição de Sócrates e a de Sócrates músico são diferentes, embora em um sentido ambas sejam definições da mesma coisa.

1132. Mas uma definição que é falsa em si mesma não pode ser a definição de nada. E uma definição é dita falsa em si mesma, ou falsa sem qualificação, em razão do fato de que uma parte dela não pode coexistir com a outra; e tal definição seria obtida, por exemplo, se alguém dissesse "ser vivo inanimado".

1133. Fica claro, portanto, que a opinião de Antístenes era tola. Pois, como as palavras são sinais das coisas, ele sustentava que, assim como uma coisa não possui nenhuma essência além da sua própria, também numa proposição nada pode ser predicado de um sujeito a não ser sua própria definição, de modo que apenas um predicado absoluto ou sempre poderia ser usado de um sujeito. E dessa posição segue-se que não existe contradição; porque se animal, que está incluído em sua noção, é predicado de homem, não-animal não pode ser predicado dele, e assim uma proposição

negativa não pode ser formulada. Dessa posição também segue que não se pode falar falsamente, porque a definição própria de uma coisa é verdadeiramente predicada dela. Logo, se apenas a definição própria de uma coisa pode ser predicada dela, nenhuma proposição pode ser falsa.

1134. Mas sua opinião é falsa, porque de cada coisa podemos predicar não apenas sua própria definição, mas também a definição de outra coisa. E quando isso ocorre de modo universal ou geral, a predicação é falsa. No entanto, de certa forma, pode haver uma predicação verdadeira; por exemplo, oito é dito duplo na medida em que possui o caráter de dualidade, porque o caráter de dualidade é estar relacionado como dois está para um. Mas na medida em que é duplo, oito é, de certo modo, dois, porque é dividido em duas quantidades iguais. Essas coisas, então, são ditas falsas da maneira anterior.

1135. Em seguida, mostra como o termo *falso* pode ser predicado de um homem; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, dá duas maneiras pelas quais um homem é dito falso. (1) De um modo, um homem é dito falso se está disposto a pensar, ou tem prazer em pensar, pensamentos desse tipo, i.e., falsos, e escolhe tais pensamentos não por qualquer outra razão, mas por eles mesmos. Pois quem tem um hábito acha prazerosa e facilmente realizável a operação relativa a esse hábito; e assim, quem tem um hábito age de acordo com esse hábito e não por causa de algo extrínseco. Por exemplo, um devasso comete fornicação por causa do prazer resultante da cópula; mas se ele comete fornicação por algum outro fim, por exemplo, para roubar, ele é mais ladrão do que devasso. E similarmente, quem escolhe falar falsamente por causa de dinheiro é mais avarento do que falso.

1136. (2) De um segundo modo, um homem é dito falso se causa noções falsas nos outros, de maneira muito semelhante à qual dissemos acima que as coisas são falsas quando causam uma imagem ou impressão falsa. Pois fica claro pelo que foi dito que o falso tem a ver com o não-existente. Logo, um homem é dito falso na medida em que faz declarações falsas, e uma noção é dita falsa na medida em que é acerca de algo não-existente.

1137. **Portanto, o discurso** (529).

Em segundo lugar, ele exclui duas opiniões falsas do que foi estabelecido acima. Ele extrai a primeira dos pontos levantados acima. Diz que, visto que um homem falso é aquele que escolhe e cria opiniões falsas, pode-se refutar ou rejeitar logicamente uma declaração feita no *Hípias*, i.e., uma das obras de Platão, que dizia que a mesma noção é tanto verdadeira quanto falsa. Pois essa opinião considerava falso aquele homem que é capaz de enganar, de modo que, sendo capaz tanto de enganar quanto de falar a verdade, o mesmo homem é verdadeiro e falso. E similarmente, a mesma declaração será verdadeira e falsa, porque a mesma declaração é capaz de ser tanto verdadeira quanto falsa; por exemplo, a declaração "Sócrates está sentado" é verdadeira quando ele está sentado, mas é falsa quando ele não está sentado. Ora, é evidente que isso é tomado indevidamente, porque mesmo um homem prudente e conhecedor é capaz de enganar; contudo, ele não é falso, porque não causa nem escolhe noções ou opiniões falsas, e esta é a razão pela qual um homem é dito falso, como foi dito (1135).

1138. **E além disso** (530).

Em seguida, ele rejeita a segunda opinião falsa. Essa opinião sustentava que um homem que faz coisas vis e quer o mal é melhor do que aquele que não as faz. Mas isso é falso. Pois alguém é definido como mau com base no fato de estar disposto a fazer ou escolher coisas más. No entanto, essa opinião deseja aceitar esse sentido de falso a partir de uma espécie de indução de um caso semelhante. Pois quem manca voluntariamente é melhor e mais nobre do que quem manca involuntariamente: Daí ele diz que fazer o mal é como mancar, na medida em que a mesma noção se aplica a ambos. E, de certo modo, isso é verdade; pois quem manca voluntariamente é pior quanto ao seu caráter moral, embora seja mais perfeito quanto à sua capacidade de andar. E similarmente, quem voluntariamente faz o mal é pior quanto ao seu caráter moral, embora talvez não seja pior quanto a alguma outra capacidade. Por exemplo, mesmo que aquele homem seja moralmente mais mau, que diz voluntariamente o que é falso, ainda assim ele é mais inteligente do que aquele que acredita que diz a verdade quando de fato fala falsamente, embora não intencionalmente.

Acidente

1139. **Um "acidente"** (531).

Aqui, finalmente, ele dá os diferentes sentidos em que o termo acidente é usado; e há dois deles:

(1) Primeiro, acidente significa qualquer coisa que se liga a uma coisa e é verdadeiramente afirmada dela, embora não necessariamente ou "na maioria das vezes", i.e., na maioria dos casos, mas em minoria; por exemplo, se alguém encontrasse um tesouro enquanto cavava um buraco para plantar uma muda. Logo, encontrar um tesouro enquanto (cava um buraco) é um acidente. Pois um não é necessariamente a causa do outro, de modo que um decorre necessariamente do outro. Tampouco se acompanham necessariamente, de modo que o segundo vem após o primeiro como o dia segue a noite, mesmo que um não seja a causa do outro. Tampouco acontece na maioria das vezes, ou na maioria dos casos, que isso ocorra, i.e., que quem planta uma muda encontre um tesouro. E similarmente, um músico é dito branco, embora isso não seja necessariamente assim nem aconteça na maioria das vezes. Logo, nossa declaração é acidental. Mas este exemplo difere do primeiro; pois no primeiro exemplo o termo acidente é tomado em referência ao vir-a-ser, e no segundo exemplo é tomado em referência ao ser.

1140. Ora, assim como algo pertence a algum sujeito definido, também é considerado "pertencer a algum lugar", i.e., a algum lugar definido, "e a algum tempo", i.e., a algum tempo definido. E, portanto, acontece de pertencer a todos estes acidentalmente se não lhes pertence por sua própria natureza; por exemplo, quando branco é predicado de um músico, isso é acidental, porque branco não pertence a um músico enquanto tal. E similarmente, se há abundância de chuva no verão, isso é acidental, porque não acontece no verão enquanto é verão. E novamente, se o que é pesado está no alto, isso é acidental, pois não está em tal lugar enquanto o lugar é tal, mas por causa de alguma causa externa.

1141. E deve-se ter em mente que não há causa determinada para o tipo de acidente aqui mencionado, "mas apenas uma causa contingente", i.e., qualquer que seja a que acontece, ou "uma causa casual", i.e., uma fortuita, que é uma causa indeterminada. Por exemplo, foi um acidente que alguém "tenha vindo a Egina", i.e., àquela cidade, se não veio lá "para chegar lá",

i.e., se começou a se dirigir àquela cidade não para alcançá-la, mas porque foi forçado a isso por alguma causa externa; por exemplo, porque foi levado para lá pelo vento de inverno que causou uma tempestade no mar, ou mesmo porque foi capturado por piratas e levado para lá contra sua vontade. Fica claro, então, que isso é acidental, e que pode ser causado por diferentes causas. No entanto, o fato de que navegando ele chega a este lugar ocorre "não por si mesmo", i.e., na medida em que estava navegando (pois pretendia navegar para outro lugar), mas "por causa de outra coisa", i.e., outra causa externa. Pois uma tempestade é a causa de sua chegada ao lugar "para o qual não estava navegando", i.e., Egina; ou piratas; ou algo desse tipo.

1142. (2) [*propriedade*] Em um segundo sentido, acidente significa o que quer que pertença a cada coisa por si mesma mas não está em sua substância. Este é o segundo modo de predicação essencial, como foi notado acima (1055); pois o primeiro modo existe quando algo é predicado essencialmente de algo que é dado em sua definição, como animal é predicado de homem, o que não é de modo algum um acidente. Ora, pertence essencialmente a um triângulo ter dois ângulos retos, mas isso não pertence à sua substância. Logo, é um acidente.

1143. Essa acepção de acidente difere da primeira, pois os acidentes nesse segundo sentido podem ser eternos. De fato, um triângulo tem sempre três ângulos iguais a dois retos. Porém, nenhuma daquelas coisas que são acidentes no primeiro sentido pode ser eterna, pois ocorrem sempre em minoria de casos. A discussão sobre esse tipo de acidente é empreendida em outro lugar, por exemplo, no Livro VI desta obra (1172) e no Livro II da *Física*. Portanto, o acidente no primeiro sentido opõe-se ao que existe em si mesmo; mas o acidente no segundo sentido opõe-se ao que é substancial. Isso conclui o Livro V.

Revision #2

Created 13 September 2026 21:54:36 by Admin

Updated 13 September 2026 22:27:49 by Admin